

**OS *RUDIMENTA GRAMMATICES*, DE NICCOLÒ PEROTTI:
TRADUÇÃO DOS PARÁGRAFOS 1-52**

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cláudio Mascaluba
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Neste trabalho, apresentamos uma proposta de tradução dos parágrafos 1-52 dos *Rudimenta grammatices*, compêndio gramatical do humanista Niccolò Perotti (1429-1480). A obra em questão teve sua *editio princeps* em 1473 e, em pouco tempo, tornou-se um *best-seller*, espalhando-se por vários países da Europa, onde ocupou posição principal no ensino de latim. **Palavras-chave:** Gramática latina; Gramática renascentista; *Rudimenta grammatices*.

Abstract

In this work, we present a translation proposal of paragraphs 1-52 of the *Rudimenta grammatices*, a grammatical compendium by the humanist Niccolò Perotti (1429-1480). The work in question had its *editio princeps* in 1473 and, in a short time, became a bestseller, spreading through several countries in Europe, where it occupied a main position in the teaching of Latin.

Keywords: Latin grammar; Renaissance grammar; *Rudimenta grammatices*.

1. Apresentação

De acordo com William Keith Percival (Perotti, 2010), os *Rudimenta grammatices* do humanista Niccolò Perotti (1429-1480) foram uma importante obra para a história dos compêndios gramaticais de latim durante o Renascimento italiano. Propondo-se a desenvolver, em volume único, uma epítome completa sobre questões gramaticais da língua latina, Perotti não se limitou a fazer um pequeno tratado sobre um assunto gramatical específico, como, à sua época, ocorria comumente. Até o séc. XIV, uma das gramáticas mais utilizadas em escolas eram ainda as *Institutiones grammaticae* de Priscianus Cesariensis (séc. V d.C.), que também exerceram influência sobre Perotti, como atestam as várias referências a passagens da obra do autor tardo-antigo dispostas ao longo dos *Rudimenta*. No entanto, por volta do séc. XV, os professores já não utilizavam mais as *Institutiones*, pois, embora

apresentassem um apanhado de toda a gramática da língua latina, como buscou fazer Perotti, não traziam consigo as novidades dos tratados gramaticais renascentistas mais recentes.

Dessa forma, os *Rudimenta* surgiram como uma espécie de síntese do antigo e do moderno. Perotti submeteu o contributo de Prisciano à atualização dos humanistas do séc. XV, a exemplo de Guarino Veronese (c. 1374-1460) com suas *Regulae grammaticales*, cujos ecos se encontram inegavelmente presentes nos *Rudimenta*. Os novos conhecimentos gramaticais produzidos pelos humanistas da Renascença italiana acabavam por se restringir ao espaço universitário frequentado por uma seleta e culta camada da sociedade italiana da época. Sentindo a necessidade de melhorar o ensino de gramática nos níveis escolares, sobretudo do *Trivium*, de modo a que os jovens chegassem às universidades preparados para ler e escrever apropriadamente em latim, Perotti desenvolveu uma gramática compacta, dispensando tudo o que não fosse estritamente necessário, com linguagem de fácil compreensão e estrutura catequética (Moniz; Silva, 2019).

Logo após sua *editio princeps*, cuja impressão foi concluída em 19 de março de 1473 por Conrad Sweynheym e Arnald Pannartz, em Roma, os *Rudimenta* tornaram-se um *best seller* tanto na Itália quanto no restante da Europa. A obra de Perotti teve segunda e terceira edições no ano seguinte (1474), impressas, respectivamente, por Giovanni Filippo La Legname e pelo próprio Arnald Pannartz, que, em 1476, elaborou outra edição, o que nos ajuda a perceber de forma inequívoca o potencial comercial da obra. Em pouco tempo, o compêndio gramatical já era copiado e publicado em diversos lugares da Itália e da Europa, como em Paris, ganhando rapidamente adaptações para outras línguas, como o francês e o alemão, vista sua grande popularidade e a necessidade de um novo material para os estudos de latim.

A edição que serve de base para nossa proposta de tradução foi elaborada por Keith Percival, publicada em 2010 pelo Center for Digital Scholarship. Seus trabalhos iniciaram-se em 1994, no *Comitato Cientifico* (Comitê Científico) do *Istituto Internazionale di Studi Umanistici* (Instituto Internacional de Estudos Humanísticos), que convocava congressos anuais em Sassoferrato (Ancona, Itália). Essa edição desenvolveu-se a partir de dois documentos: um deles, um manuscrito com a assinatura do próprio Perotti, encontrado na Biblioteca do Vaticano; e o outro, a *editio princeps*. Vale ressaltarmos que essa primeira edição fora publicada quando Niccoló Perotti ainda estava vivo e residia em Roma, o que nos faz acreditar que a obra pode ter sido supervisionada e aprovada pelo próprio autor. Keith

Percival comenta que é possível que as diferenças que a edição manuscrita e a *editio princeps* apresentam tenham sido estimuladas pelo próprio Perotti, porém, é sabido que Sweynheym e Pannartz eram homens com formação e conhecimento suficiente para poderem realizar as alterações por si próprios.

Por fim, resta-nos esclarecer o critério de recorte dos *Rudimenta* que adotamos neste artigo para fins de tradução e nota. Os parágrafos 1-52 consistem numa espécie de introdução da obra em tela, em que Perotti apresenta conceitos fundamentais, como os de *grammatica*, *littera*, *syllaba*, *dictio* e *oratio*, isto é, a essência de seu modelo de linguagem. Por meio desses conceitos, é possível percebermos que o humanista opera com o mesmo modelo de linguagem presente nos gramáticos antigos e tardo-antigos, que entendiam que a gramática possuía uma espinha dorsal construída com base na hierarquia de quatro unidades: *gramma* ou *littera* (letra), a menor parte do som articulado, também conhecido como *vox* (voz); *sullabé* ou *syllaba* (sílabas), a combinação de letras pronunciadas com um único acento e respiração; *léxis* ou *dictio* (palavra), a menor parte da sentença conectada; *lógos* ou *oratio* (frase), o arranjo congruente de palavras com ideia completa (Matthews, 2014). Essas quatro unidades organizavam-se em dois grupos. O primeiro correspondia à letra e à sílaba, unidades que possuíam apenas valor fonético, ou seja, não carregavam significado. O segundo dizia respeito à palavra e à frase, unidades que, além do valor fonético, possuíam também significado.

2. Texto latino dos parágrafos 1-52 dos *Rudimenta* e nossa proposta de tradução com notas

PRAEFATIO *IN* *REGVLAS* PREFÁCIO ÀS REGRAS GRAMATICAIIS
GRAMMATICALES *NICOLAI* *PEROTI* DO DOUTÍSSIMO E ELOQUENTÍSSIMO
VIRI *DOCTISSIMI* *ATQVE* NICCOLÒ PEROTTI²
ELOQVENTISSIMI.

Libet mihi in alieno opere exordiri atque Convém a mim que, nesta seção à parte,

² A tradução deste prefácio é de autoria de Fábio Frohwein de Salles Moniz e de Marcelle Mayne Ribeiro da Silva, e encontrava-se ainda inédita. Este prefácio, em que pese sua presença na *editio princeps* dos *Rudimenta*, não se encontra no manuscrito consultado por Keith Percival (Perotti, 2010), razão para o editor crítico não o ter incluído em sua edição. Ademais, a autoria do prefácio não é identificável, embora se possa especular que os próprios tipógrafos, Sweynheym e Pannartz, o tenham redigido.

praefari. Vosque omnes ingenui adolescentes quibus grammatices exquisitissimae cura est tanquam de specula convocare et imitare. Vt jam Prisciani Servii et Donati molesta prolixitate relictæ ad praeclarissimum opus et novellum Nicolai Perotti Archiepiscopi Sypontini degustandum pariter concedatis. In eo enim omnis suavitas atque jocunditas. Siquidem ut placet Quintiliano etiam senibus jocunda est grammaticæ hic omnis utilitas. Omnis claritas. Brevitas vero tanta quanta debuit superflua tollere et resecare. Necessaria vero commoda non omittere. Hic brevi poteritis ad summum grammatices evadere. Nec multis ambagibus aut vanis erroribus. Quibus Soncini et aliorum similium canonismata referta sunt et plena. Ingenia vestra vel obtundere vel depravare. Vir enim doctissimus et eloquentissimus apes imitatus ex hortis et locis optimis decerpit quæ operi suo essent accomodatissima et ad comece a falar e [que] vós todos, jovens [dos estudos] liberais que se dedicam à observação da apurada gramática, vos reunais e imitais, para que deixeis já a molesta prolixidade abandonada de Prisciano, Sérvio e Donato, e passeis a experimentar a obra de Niccolò Perotti, Arcebispo de Siponto, muito célebre e nova. Pois nela há suavidade e jucundidade. Sem dúvida, assim como parece a Quintiliano e também aos mais antigos, a gramática aqui é toda uma utilidade jucunda. Toda uma claridade. Com efeito, a concisão foi obtida por meio da supressão de coisas supérfluas, mas sem a omissão do necessário, do que de fato é proveitoso. Aqui, em pouco tempo, tereis podido elevar-vos ao mais alto nível da gramática, não havendo muitas dúvidas ou vãos erros, dos quais os *canonismata* de Soncino³ e de outros semelhantes se encontram plenos e que embotam ou corrompem vossa inteligência. De fato, [esse] homem muito douto e eloquente, tendo

³ Giovanni da Soncino ou Johanne de Socino (? – c. 1363), introdutor do Modismo na Universidade de Bolonha (Fernandes, 2015), autor dos *Notabilia in grammaticam*, miscelânea ordenada alfabeticamente de vários temas gramaticais da língua latina, que ainda era muito utilizada nas escolas italianas em pleno séc. XV. O autor do prefácio refere-se à obra de Soncino por meio da palavra *canonismata* – livro geralmente contendo uma coleção variada de textos gramaticais –, que talvez seja empregada de maneira sarcástica. É importante observarmos que a crítica do autor do prefácio a Soncino é bem representativa do posicionamento hostil de gramáticos do séc. XV aos gramáticos medievais, sobretudo adeptos do Modismo.

formandum grammaticum congruentissima. Syponitino igitur gratias semper agite immortales qui ut ingeniis prodesset tantum elaboravit.

imitado as abelhas,⁴ colheu dos jardins e dos melhores lugares todas as coisas que seriam muito adequadas à sua obra e convenientes para formar um gramático. Ao Sipontino, portanto, daí sempre eternos agradecimentos, ele que trabalhou apenas para ajudar [vossos] talentos.

NICOLAI PEROTTI AD PYRRHVM COMEÇAM OS RUDIMENTA PEROTTVM NEPOTEM EX FRATRE GRAMMATICES DE NICCOLÒ PEROTTI SVAVISSIMVM, RVDIMENTA [DEDICADOS] (A) PIRRO PEROTTI, GRAMMATICES INCIPIVNT. AGRADABILÍSSIMO FILHO DE [MEU] IRMÃO.

1 *Da litteras. A, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x, y, z, &, <9>, 4.* 1 Dá as letras. A, b, c, d, e, f, g, h, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x, y, z, &, <9>, 4.⁵

2 *Da salutationem beatae uirginis. Aue* 2 Dá a Saudação à bem-aventurada virgem.⁶

⁴ Na carta 84 a Lucílio, Sêneca utiliza a metáfora das abelhas como uma analogia para a busca da sabedoria e o uso adequado do tempo. O autor compara as abelhas, que coletam néctar de diversas flores para produzir mel, com os buscadores de sabedoria que devem extrair conhecimento de várias fontes. Assim como as abelhas, que escolhem as flores mais produtivas, os indivíduos sábios devem selecionar sabedoria das melhores fontes disponíveis. A metáfora das abelhas também destaca a importância de utilizar o tempo de maneira produtiva. As abelhas são símbolos de laboriosidade e eficiência na colheita de néctar. Sêneca instrui Lucílio a aproveitar o tempo de maneira semelhante, focando nas atividades e na busca do conhecimento que verdadeiramente enriquecem a mente e a alma. Em suma, o autor do prefácio parece se apropriar da metáfora das abelhas senecana para sublinhar a qualidade do trabalho de Perotti, que buscou escolher sabiamente as melhores informações para compor uma obra que conferisse excelência à formação gramatical de seus leitores.

⁵ Mister notarmos que Perotti insere, entre as letras, três símbolos utilizados para fins de redução, herdados da tradição manuscrita e muito presentes em incunábulos, isto é, nos livros impressos do séc. XV: & (*et*), 9 (*-ue*) e 4 (*-rum*).

⁶ A inclusão de orações da liturgia católica nos *Rudimenta* pode estar relacionada a várias razões. cremos que a primeira e mais fundamental delas seja o fato de que, na Europa do séc. XV, o catolicismo desempenhava um papel central na cultura e na educação. O latim era a língua da liturgia da Igreja romana, e muitos textos educacionais dessa época refletiam a forte influência da religião na sociedade. Além disso, devemos levar em consideração que as orações católicas eram textos familiares para muitos estudantes da época, especialmente para aqueles que frequentavam instituições eclesiásticas ou escolas associadas à Igreja. O uso de orações católicas poderia ter sido uma maneira de tornar a aprendizagem mais prática e relevante para os estudantes. Perotti também pode ter incluído orações católicas em seu livro, pois esse gênero de textos litúrgicos contém elementos morais e éticos, e iniciar uma obra de gramática com textos que incorporam esses aspectos era uma maneira de enfatizar não apenas a aprendizagem gramatical, mas ainda a formação moral dos estudantes. De qualquer forma, a presença dessas orações ajuda-nos a reforçar a tese de que o público-alvo de Perotti eram os jovens estudantes de latim que utilizariam seu compêndio gramatical para ingressar às universidades, o que, de resto, se mostra em conformidade com o prefácio.

Maria, gratia plena, dominus tecum, Ave Maria, cheia de graça, o senhor [está] benedicta tu in mulieribus, et benedictus contigo, bendita [és] tu entre as mulheres, e fructus uentris tui Iesus; sancta Maria, bendito [é] o fruto de teu ventre, Jesus; Santa mater Dei, ora pro nobis peccatoribus. Maria, mãe de Deus, ora por nós pecadores. Amen. Amém.

3 *Da orationem dominicam. Pater noster, 3 Dá a Oração do Senhor. Pai nosso, que estás qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum, no céu, santificado seja teu nome, venha o teu adueniat regnum tuum, fiat uoluntas tua, reino, seja feita a tua vontade, assim como no sicut in caelo, et in terra. Panem nostrum céu e na terra. O pão nosso quotidiano dá-nos quotidianum da nobis hodie, et dimitte nobis hoje e perdoa a nós as nossas dívidas, assim debita nostra, sicut et nos dimittimus como nós perdoamos nossos devedores, e não debitoribus nostris, et ne nos inducas in tentationem, sed libera nos á¹ malo. Amen. Amém.*

4 *Da symbolum. Credo in Deum, patrem 4 Dá o Credo. Creio em Deus, pai onipotente, omnipotentem, creatorem caeli et terrae, et criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, in Iesum Christum, filium eius, unicum filho Dele, nosso único senhor, que foi dominum nostrum, qui conceptus est de concebido do Espírito Santo, nascido da spiritu sancto, natus ex Maria uirgine, Virgem Maria; tendo sido torturado,*

¹ Conforme esclarecemos na introdução deste trabalho, seguimos a edição digital dos *Rudimenta* preparada por Keith Percival e publicada em 2010 pelo Center for Digital Scholarship. Importa salientarmos que a grafia do latim em manuscritos e impressos do séc. XV apresenta peculiaridades que refletem idiosincrasias da época, do autor ou mesmo do tipógrafo. De acordo com Johann Ramminger (2014), uma das questões mais recorrentes entre os humanistas do séc. XV era a grafia latina, muito devido ao fato de ainda circularem manuscritos e obras com grafia medieval, como o *Dictionarium copiosissimum* (1516), de Ambrosius Calepinus. Quanto aos diacríticos, observa-se o uso frequente de acento grave ou agudo sobre preposições (ex. *à, á, è, é*) ou sobre terminações de advérbio (ex. *citò, citó*), de circunflexo sobre a terminação de ablativo singular de 1a. declinação (ex. *è mensâ*) ou de genitivo plural de 3a. declinação (ex. *inferûm*). Keith Percival (Perotti, 2010) salienta que, no manuscrito autógrafo dos *Rudimenta*, encontram-se vogais acentuadas em palavras gregas e latinas, que Sweynheym e Pannartz não adotaram na *editio princeps* e, conseqüentemente, não aparecem nas impressões subsequentes. No que diz respeito ao uso de acentos ou diacríticos na Antiguidade, Quintiliano relata que, em sua época, alguns estudiosos e gramáticos recomendavam um acento agudo na última sílaba de advérbios e pronomes para distingui-los de palavras homônimas (cf. *Institutio oratoria*, I.5.25-26), o que ele parece recusar, propondo que, em dissílabos, a última sílaba nunca recebesse acento agudo (I.5.31). No entanto, Quintiliano considerava que monossílabos fossem acentuados com acento agudo ou circunflexo (ibid.). Prisciano e Arcádios, autor do tratado *De accentibus*, elaboraram regras para o uso de acentos agudo, grave e circunflexo em palavras latinas, que influenciaram os humanistas do séc. XV a empregarem acentos sobre as vogais, adotados também pelos impressores da época, a exemplo de Aldo Manuzio. Perotti, por seu turno, não foi o primeiro a utilizar acentos em palavras latinas, uma vez que Lorenzo Valla, seu mestre, já havia tratado do acento circunflexo (*apex*) na penúltima vogal do infinitivo *impendere* nas *Elegantiae linguae latinae* (V.82). Para mais informações sobre o uso de acentos em manuscritos humanísticos do séc. XV, cf. Pade, 2006, p. 11-21.

passus sub Pontio Pilato, crucifixus, mortuus, et sepultus, descendit ad inferos, tertia die resurrexit a mortuis, ascendit in caelos, sedet ad dexteram Dei patris omnipotentis, inde uenturus est iudicare uiuos et mortuos. Credo In spiritum sanctum et sanctam catholicam ecclesiam, sanctorum communionem, remissionem peccatorum, carnis resurrectionem, uitam aeternam. Amen.

5 Quare optima á principio docenda sunt? Quia tenacius haerent quae nudis animis percipiuntur, ut sapor quo noua imbuuntur maxime durat.

6 Quare pertinacius haerent quae deteriora sunt? Quia bona facile mutantur in peius, nunquam in bonum uitia uertuntur.

7 Cur paulatim instruendi sunt pueri? Quia sicut uascula angusti oris super fusam liquoris copiam, sic animi puerorum quae nimia sunt respuunt, sensim autem instillantibus complentur.

crucificado, morto e sepultado no governo de Pôncio Pilato, desceu aos infernos, ressuscitou dos mortos três dias depois, ascendeu aos céus, [e agora] senta-se ao lado direito de Deus, pai onipotente, de onde Ele há de julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo e na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.

5 Por que as coisas mais importantes devem ser ensinadas desde o princípio?⁷ Porque o que é aprendido por uma mente ainda nua mantém-se mais firmemente, como o sabor, que dura ao máximo, quando dele coisas novas são impregnadas.⁸

6 Por que se mantém mais persistentemente o que é pior? Porque as coisas boas transformam-se para pior, nunca os vícios se tornam um bem.

7 Por que as crianças devem ser instruídas gradativamente? Pois, assim como os vasilhinhos de boca estreita expulsam grande quantidade da água, do mesmo modo as mentes das crianças expulsam o que excede os limites; no entanto, pouco a pouco, [elas] são preenchidas pelo que goteja.

⁷ Aqui começa uma série de perguntas e respostas que estruturam a obra de Perotti em estilo catequético, semelhantemente à *Ars minor* de Donato, mais um elemento que reforça a tese de que o público-alvo dos *Rudimenta* eram os jovens pré-universitários.

⁸ Referência a Horácio: “*Quo semel est imbuta recens seruabit odorem/ Testa diu*” (Hor., *Epist.* I.2.69), “como um vaso recentemente embebido preservará o odor por muito tempo”. Como observa Keith Percival (Perotti, 2010, p. 19), as ideias pedagógicas de Perotti seguem princípios expostos por Quintiliano no livro I da *Institutio oratoria*.

- 8 *Quomodo utendum est remissionibus? Ita ut nec odium studiorum faciant negatae, nec ocii consuetudinem nimiae.* 8 De que modo se devem administrar os repouso? De tal maneira que, negados, não produzam ódio aos estudos, nem, excessivos, o hábito do ócio.
- 9 *Quod est primum ingenii signum in pueris? Memoria.* 9 Qual é o primeiro sinal de habilidade nas crianças? A memória.
- 10 *Quod secundum? Imitatio.* 10 Qual o segundo? A [capacidade de] imitação.
- 11 *Quintuplex Est uirtus memoriae? Duplex. Quae? Facile percipere et fideliter continere.* 11 De quantas maneiras é a virtude da memória? Duas. Quais? Perceber com facilidade e reter com fidelidade.
- 12 *Cur in arte grammatices prius instruendi sunt pueri? Quia haec est initium et fundamentum omnium disciplinarum, nec potest ad ullius rei summam nisi praecedentibus initiis perueniri.* 12 Por que as crianças devem ser instruídas primeiramente na arte da gramática? Porque esta é o início e o fundamento de todas as disciplinas,⁹ e não se pode alcançar o ponto principal de coisa alguma senão por meio de [seus] fundamentos preliminares.
- 13 *Quid est grammaticae? Est ars recte loquendi recteque scribendi, scriptorum et poetarum lectionibus obseruata.* 13 O que é gramática? É a arte de falar corretamente e de escrever corretamente, observada por meio das leituras de escritores

⁹ De acordo com Keith Percival (Perotti, 2010, p. 20), o tema da gramática enquanto base de conhecimento de outras disciplinas remonta pelo menos a Cassiodoro (séc. VI d.C.): “[...] *in quo libro primum nobis dicendum est de arte grammatica, quae est videlicet origo et fundamentum liberalium litterarum*” (II, *praef.* 4), “neste livro, primeiro devemos falar sobre a arte gramatical, que é, evidentemente, a origem e o fundamento das letras liberais”. Algumas cópias das *Regulae grammaticales* de Guarino Veronese (1374-1460) apresentam a seguinte introdução: “[N]ota quod gramatica est scientia recte loquendi recteque scribendi origo et fundamentum omnium liberalium artium”, “nota que a gramática é a ciência de falar corretamente e escrever corretamente, a origem e o fundamento de todas as artes liberais” (Milão, Biblioteca Ambrosiana, I. 85. sup (5), f. 83r). Para Lorenzo Valla (1407-1457), mestre de Perotti, o domínio da língua latina “não se restringia ao âmbito gramatical ou filológico, mas que rendia frutos às artes e ciências” (Moniz, 2021, p. 194). Como o próprio Valla defende no parágrafo 31 do proêmio ao livro I das *Elegantiae linguae latinae*: “De fato, já há muitos séculos, ninguém não apenas não fala em latim, mas nem entende lendo em língua latina (os estudiosos de filosofia não compreenderam ou compreendem os filósofos; os causídicos, os oradores; os advogados, os jurisconsultos; os demais leitores, os livros herdados dos antigos), como se, perdido o Império romano, não conviesse mais que se fale em latim nem o saiba, mas que aquele fulgor da latinidade, tendo sofrido com o desleixo e a ferrugem, seja agora esquecido” (apud Moniz, 2021, p. 208-209).

e de poetas.¹⁰

14 Vnde dicitur grammaticae? Ἀπὸ τῶν γραμμάτων, hoc est à litteris. Latine enim litteraria dicitur, quod ex litteris syllabae fiant, ex syllabis dictiones, ex dictionibus oratio, ex quibus disciplina grammatices constituitur.

14 Por que se chama gramática? Ἀπὸ τῶν γραμμάτων, isto é, por causa das letras. De fato, em latim, chama-se literária,¹¹ porque das letras se fazem sílabas; das sílabas, palavras;¹² das palavras, a frase. De tudo isso, constitui-se a disciplina da gramática.

15 Quot sunt partes grammatices? Quatuor. Quae? Littera, syllaba, dictio, et oratio; littera, ut p; syllaba, ut Pyr; Dictio, ut Pyrrhus; oratio, ut Pyrrhus incumbit uirtuti.

15 Quantas são as partes da gramática? Quatro. Quais? Letra, sílaba, palavra e frase; letra, como p; sílaba, como Pyr; palavra, como Pyrrhus; frase, como Pyrrhus incumbit

¹⁰ Quanto ao conceito de gramática presente em Perotti: “[G]rammaticae officia, ut asserit Varro, constant in partibus quattuor, lectione enarratione emendatione iudicio” (Diom. 1.426.21; Vict. 6.188.6; Aud. 7.322.4. Dosith. 7.376.5), “as tarefas da gramática, como afirma Varrão, consistem em quatro partes: leitura, explicação, correção e julgamento”; “haec [...] professio [...] brevissime in duas partis dividatur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem” (Quint. 1.4.2), “esta profissão [a de gramático] divide-se brevemente em duas partes: o conhecimento do correto falar e a interpretação dos poetas”; “et scribendi ratio coniuncta cum loquendo est et enarrationem praecedat emendata lectio et mixtum his omnibus iudicium est” (Quint. 1.4.3), “a arte de escrever está ligada à de falar, e a leitura corrigida precede a interpretação, e a crítica encontra-se misturada com todas elas”; “grammaticae partes sunt duae, altera quae vocatur exegetice, altera horistice” (Diom. 1.426.15; cf. Mar. Vict. 6.4.2), “as partes da gramática são duas, uma chamada exegese, a outra sintaxe”; “officium eius est sine vitio dictionem prosalem metricamque componere; finis vero elimatae locutionis vel scripturae inculpabili placere peritia” (Cass. 7.214.20), “seu ofício [do gramático] é compor prosa e verso sem vício; mas a finalidade da linguagem purificada ou da escrita é agradar com habilidade irrepreensível”. Como podemos notar, o conceito de gramática oferecido por Perotti aproxima-se muito mais da primeira “tarefa” do gramático apresentada por Quintiliano, uma vez que demonstra uma forte preocupação com a estrutura e regras gramaticais da língua latina. Os *Rudimenta*, assim, prestam-se ao objetivo de apresentar a gramática como uma *ars*, ou seja, como uma técnica: a técnica do bem falar e do bem escrever em latim, almejando a *latinitas*. No entanto, essa seria uma “técnica observada”, baseada em uma *scientia* (ciência), pois esse bem falar e bem escrever se sustentam na observação das produções dos escritores e poetas antigos.

¹¹ Keith Percival (2010, p. 20) salienta que não fica claro o motivo pelo qual Perotti escolheu usar *litteraria* em lugar de *litteratura*. Talvez o autor tenha empregado *litterarius* como adjetivo latino correlato ao grego γραμματική. No livro *Cornucopiae siue linguae Latinae commentarii*, Perotti tece o seguinte comentário: “A grapho etiam gramma dicitur, quod literam significat, à quo grammaticae ars litteraria, hoc est quae in emendate loquendo scribendoque consistit, ut literae suas custodiant voces et velut depositum reddant legentibus” (1532, p. 794), “de *graphus*, nomeia-se ainda *gramma* (que significa letra), daí a gramática, uma arte literária, isto é, a que consiste em falar e escrever corretamente, para que as letras protejam suas palavras e, como que se tornem um depósito, as apresentem aos leitores”.

¹² No original, *dictiones*. De acordo com Samantha Schad (2007, p. 129), *dictio*, no modelo de linguagem adotado pelos gramáticos latinos antigos e tardo-antigos, é uma unidade que corresponde ao que os gregos denominavam de λέξις, composta de sílabas, com significado e parte constituinte da frase. Havia dois outros substantivos latinos para designar “palavra”, *vox* e *verbum*, mas ambos poderiam apresentar usos diferenciados, ao passo que *dictio* tinha um emprego fixo na doutrina gramatical, daí ter se tornado o termo mais difundido entre os gramáticos devido à precisão de sentido.

uirtuti.¹³

16 *Quid est littera? Est minima pars uocis compositae.*

16 O que é letra? É a menor parte da voz articulada.¹⁴

17 *Quid est uox? Est aer ictus auribus accidens.*

17 O que é voz? É o ar que, golpeado, chega aos ouvidos.¹⁵

18 *Vnde dicitur uox? Ἀπὸ τοῦ βοῶω, quod est uoco.*

18 Por que se chama voz? Ἀπὸ τοῦ βοῶω, que significa “chamo”.¹⁶

19 *Quotuplex est uox? Quadruplex. Articulata, quae ab aliquo sensu mentis proficiscitur; inarticulata, quae à nullo sensu mentis proficiscitur; litterata, quae scribi potest; illitterata, quae scribi non*

19 De quantos tipos é a voz? Quatro tipos. A articulada, que provém de algum sentido do pensamento; a inarticulada, que não provém de nenhum sentido do pensamento; a escrevível,¹⁷ que pode ser escrita; a

¹³ Consoante Keith Percival (Perotti, 2010, p. 21), Perotti decalca o início das *Regulae grammaticae* de Guarino Veronese: “*Partes grammaticae sunt quatuor, uidelicet littera, sillaba, dictio, et oratio; littera, ut u; sillaba, ut ui; dictio, ut uictor; oratio ut uictor amat Franciscum*” (Verona, Biblioteca Capitolare, Cod. DCCXLV, f. 1r), “as partes da gramática são quatro, a saber, letra, sílaba, palavra e frase; letra, como u; sílaba, como ui; palavra, como uictor; frase como uictor amat Franciscum”. Guarino e Perotti operam com o mesmo modelo de linguagem presente nos gramáticos antigos e tardo-antigos, que entendiam que a gramática possuía uma espinha dorsal construída com base na hierarquia de quatro unidades: *gramma* ou *littera* (letra), a menor parte do som articulado, também conhecido como *vox* (voz); *sullabé* ou *syllaba* (sílabas), a combinação de letras pronunciadas com um único acento e respiração; *léxis* ou *dictio* (palavra), a menor parte da sentença conectada; *lógos* ou *oratio* (frase), o arranjo congruente de palavras com ideia completa (Matthews, 2014). Essas quatro unidades organizavam-se em dois grupos. O primeiro correspondia à letra e à sílaba, unidades que possuíam apenas valor fonético, ou seja, não carregavam significado. O segundo dizia respeito à palavra e à frase, unidades que, além do valor fonético, possuíam também significado. Sobre a definição e principais divisões da gramática, cf. Lausberg, 1960, p. 35-39.

¹⁴ Decalque das *Regulae* de Guarino: “*Littera est minima pars uocis compositae*”, “letra é a menor parte de uma voz articulada”. Tanto em Guarino quanto em Perotti, *littera* apresenta a mesma ambiguidade característica dos gramáticos antigos e tardo-antigos, isto é, a depender do contexto, o termo diz respeito tanto ao som da língua quanto à sua representação gráfica (Desbordes, 1995, p. 101). No entanto, mais adiante, no parágrafo 22, Perotti desfaz essa ambiguidade, preferindo empregar *littera* para designar a representação gráfica do som. Cf. nota 23.

¹⁵ Simplificação do conceito que Prisciano apresenta para *vox*: “[P]hilosophi definiunt, vocem esse aerem tenuissimum ictum vel suum sensibile aurium, id est quod proprie auribus accidit. et est prior definitio a substantia sumpta, altero vero a notione, quam Graeci ἔννοιαν dicunt, hoc est ab accidentibus” (2.5.2), “os filósofos definem voz como um ar mais tênue golpeado ou como sua percepção pelos ouvidos, isto é, o que ocorre propriamente nos ouvidos. E a primeira definição é tomada da substância, enquanto a segunda é da noção, que os gregos chamam de ἔννοιαν, ou seja, dos acidentes”.

¹⁶ Simplificação da etimologia apresentada por Prisciano: “[V]ox [...] dicta est vel a vocando, ut ‘dux’ a ducendo, vel ἀπὸ τοῦ βοῶω, ut quibusdam placet” (2.6.4), “denomina-se *vox* ou de *vocandum*, como ‘dux’ de ‘ducendum’, ou ἀπὸ τοῦ βοῶω, como alguns preferem.

¹⁷ No original, *litterata*. Perotti emprega aqui o adjetivo *litteratus* com o sentido de “passível de ser escrito” (Schad, 2007, p. 239), conforme Prisciano: “[V]ocis [...] differentiae sunt quattuor: articulata, inarticulata, litterata, illitterata” (2.5.5), “existem quatro diferenças de voz: articulada, inarticulada, escrevível, inescrivível”; “*litterata est, quae scribi potest*” (2.5.8), “escrevível é aquela que pode ser escrita”.

potest. Articulatarum autem quaedam inescrivível, que não pode ser escrita.
possunt scribi, ut Pyrrhus, quaedam non Entretanto, algumas das articuladas podem
possunt scribi, ut sibyli et gemitus hominum. ser escritas, como *Pyrrhus*; algumas não
Inarticulatarum etiam quaedam scribi podem ser escritas, como assobios e gemidos
possunt, et litteratae sunt, ut coax et cra, dos homens. Algumas das inarticuladas
quaedam sunt illiteratae et scribi non também podem ser escritas e são escrevíveis,
possunt, ut strepitus, mugitus, et similia. como *coax* e *cra*; algumas são inescrivíveis e
 não podem ser escritas, como ruídos, mugidos
 e similares.¹⁸

20 *Vnde dicta est littera? Littera dicta est* 20 Por que se chama letra? Chama-se letra
quasi legitera, quod legentibus iter quase como *legitera*, porque oferece um
praebeat, uel á litturis, quia ueteres in percurso aos que leem, ou a partir de *litturae*,
ceratis tabulis scribebant. pois os antigos escreviam em tábuas
 revestidas de cera.¹⁹

21 *Litterae quot accidunt? Tria: nomen,* 21 O que é atribuído²⁰ às letras? Três coisas:

¹⁸ De acordo com Schad (2007, p. 239), a maioria dos gramáticos subdivide *vox* em *articulata* e *confusa*. A primeira caracteriza-se por ser humana, inteligível e passível de ser escrita, daí serem usados rótulos alternativos como *scriptilis* e *litteralis*. Prisciano, no entanto, utiliza um esquema diferente com dois pares de contrastes (*articulatus* X *inarticulatus* e *litteratus* X *illitteratus*): “*Vocis autem differentiae sunt quattuor: articulata, inarticulata, litterata, illiterata. articulata est, quae coartata, hoc est copulata cum aliquo sensu mentis eius, qui loquitur, profertur. inarticulata est contraria, quae a nullo affectu proficiscitur mentis. litterata est, quae scribi potest, illiterata, quae scribi non potest*” (1.1.5), “as diferenças da voz são quatro: articulada, inarticulada, escrevível e inescrivível. A articulada é aquela que é restrita, ou seja, ligada a algum significado na mente daquele que fala. A inarticulada é contrária, que não se origina de nenhuma manifestação da mente. A escrevível é aquela que pode ser escrita, a inescrivível é aquela que não pode ser escrita”. Sendo assim, a *vox litterata* consiste tanto em sons articulados (ex. “*arma virumque cano*”), quanto em inarticulados (ex. os sons sem significado *coax, cra*).

¹⁹ *Mutatis mutandis*, a passagem simplifica a explicação de Guarino em suas *Regulae*: “*Dicitur autem littera quasi legitera, eo quod legenti iter prebeat, uel a litturis (ut quibusdam placet), quod plerumque in ceratis tabulis antiqui scribere solebant*”, “chama-se, porém, letra quase como ‘*legitera*’, porque proporciona um caminho a quem lê, ou a partir de ‘*litturae*’ (como preferem alguns), porque os antigos costumavam escrever em tábuas enceradas”. A bem da verdade, a etimologia de *littera* a partir de *legitera* ou de *litura* é tema recorrente em vários gramáticos: “[L]ittera dicta quasi legitera, quia legitur, vel quod legentibus iter ostendit” (Diom. 1.421.26; Serv. 4.421.3; Serg. 4.475.5; expl. in Don. 4.518.31; Cled. 5.26.26; Prisc. 2.6.12), “letra [é] denominada quase como ‘*legitera*’, porque é lida, ou porque mostra um caminho aos que leem”; “*vel a litura quam patitur*” (Prisc. 2.6.13; cf. Serg. 4.475.6 “*vel quod scripta deleri possit*”, “ou porque, ainda que escrita, pode ser apagada”), “ou pela borrada que ela sofre”; “*vel quod legendo iteratur*” (Serv. 4.421.4; expl. in Don. 4.519.1), “ou porque se repete ao ser lida”.

²⁰ No original: *accidunt*. O verbo *accidere*, na terminologia gramatical latina, está relacionado a um conjunto de propriedades variáveis determinadas (gr. *parepómēna*, lat. *accidentia*), que serviam como traços distintivos empregados na classificação de cada unidade nos diversos níveis do modelo de linguagem.

figura, et potestas.

nome, forma²¹ e valor.²²

22 *Quid interest inter litteras et elementa?*

22 Que diferença há entre letras e elementos?

Elementa dicuntur ipsae pronuntiationes; litterae uero sunt signa elementorum; abusiue tamen et litterae pro elementis, et elementa pro litteris ponuntur.

Chamam-se elementos propriamente as pronunciações; mas letras são os sinais dos elementos; abusivamente, porém, não só se empregam letras em lugar de elementos, bem como elementos em lugar de letras.²³

23 *Quot sunt litterae siue figurae elementorum? Viginti duae: a, b, c, d, e, f, g, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x, y, z.*

23 Quantas são as letras ou as formas dos elementos? Vinte e duas: a, b, c, d, e, f, g, i, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, x, y, z.²⁴

24 *Quot sunt uocales? Sex, quinque Latinae a, e, i, o, u, et una Graeca y psilon.*

24 Quantas são as vogais? Seis: cinco latinas – a, e, i, o, u – e uma grega, ypsilon.

²¹ No latim, *figura*, isto é, a forma escrita da letra: “[F]igurae accidunt quas videmus in singulis literis” (Prisc. 2.9.1), “existem formas que vemos em cada letra”.

²² No original, *potestas*. Prisciano sobre a *potestas* como critério de classificação de letras: “[A]ccidunt uni cuique litterae nomen figura potestas” (2.7.26), “a cada letra é atribuído um nome, uma forma e um valor”; “quidam addunt etiam ordinem, sed pars est potestatis litterarum” (2.9.3), “alguns adicionam também a ordem, mas [ela] é parte do valor das letras”; “potestas [...] ipsa pronuntiatio, propter quam et figurae et nomina facta sunt” (2.9.2), “valor é a própria pronúncia, por meio da qual tanto as formas quanto os nomes são criados”.

²³ Na terminologia gramatical latina, *elementum*, termo latino correlato ao grego στοιχείον, é utilizado, em absoluto, para designar partícula primária: “[E]lementum est uniuscuiusque rei initium, a quo sumitur incrementum et in quod resolvitur” (Char. 4.10; Dosith. 7.381.6; Prob. 4.48.33; Mar. Vict. 6.4.26; Aud. 7.321.14), “elemento é o início de qualquer coisa, a partir do que ela aumenta e em que se decompõe”, isto é, qualquer nível de linguagem, conforme o modelo adotado pelos gramáticos antigos e tardo-antigos, podia ser decomposto em seus *elementa*. Sendo assim, os estoicos designavam as partes da frase como στοιχεία λόγου ou στοιχεία τῆς λέξεως, e esse critério é observado em Prisciano no que diz respeito a *elementum*. No entanto, Schad (2007, p. 148) salienta ser provável que *elementum* tenha significado inicialmente letra/som. Em *De rerum natura*, Lucrécio emprega *elementum* metaforicamente para explicar a união de átomos em substâncias com base na combinação de letras/sons em palavras. Mas, no decorrer do poema, o poeta usa *elementa* tanto para letras/sons quanto para átomos. Perotti, embora tenha afirmado no parágrafo 16 que *littera* é a menor parte da *vox articulata*, define, neste parágrafo 22, que *littera* é a *figura* do *elementum*, como passa a explicitar no parágrafo seguinte, distinguindo, portanto, *elementum* (som) de *littera* (escrita do som) e aludindo à utilização abusiva dos termos *elementum/littera* conforme Prisciano expõe nas *Institutiones*: “*Littera igitur est nota elementi et velut imago quaedam vocis literatae, quae cognoscitur ex qualitate et quantitate figurae linearum. hoc ergo interest inter elementa et literas, quod elementa proprie dicuntur ipsae pronuntiationes, notae autem earum litterae. abusive tamen et elementa pro literis et litterae pro elementis vocantur*” (2.4.23-2.5.2), “portanto, letra é o sinal de um elemento e como que a imagem de uma voz escrita, que é reconhecida pela qualidade e quantidade da forma das linhas. Assim, a diferença entre elementos e letras é que os elementos são propriamente as próprias pronunciações, e os sinais deles são chamadas letras. No entanto, abusivamente, elementos são chamados de letras, e letras são chamadas de elementos”.

²⁴ Keith Percival (Perotti, 2010, p. 22) observa que Perotti inclui o 'h' entre as letras, chegando a um total de 23 letras, embora o humanista admita, mais à frente, que 'h' seja um sinal de aspiração, não propriamente uma letra ou elemento, conforme Prisciano: “[H] autem aspirationis est nota et nihil aliud habet litterae nisi figuram et quod in versu scribitur inter alias literas” (1.4.16), “h, porém, é um sinal de aspiração e não tem outra coisa de letra a não ser a figura e o fato de que se escreve no verso entre outras letras”.

- 25 *Consonantes quot sunt? Sexdecim: b, c, d, f, g, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z.* 25 Quantas são as consoantes? Dezesesseis: *b, c, d, f, g, k, l, m, n, p, q, r, s, t, x, z.*
- 26 *Ex consonantibus quot sunt mutae? Nouem: b, c, d, f, g, k, p, q, t.* 26 Das consoantes, quantas são mudas? Nove: *b, c, d, f, g, k, p, q, t.*
- 27 *Quare dicuntur mutae? Quia incipiunt á se ipsis et desinunt in uocales.* 27 Por que se denominam mudas? Pois começam por si próprias e terminam em vogais.
- 28 *Quot sunt semiuocales? Septem: l, m, n, r, s, x, z.* 28 Quantas são as semivogais? Sete: *l, m, n, r, s, x, z.*²⁵
- 29 *Quare dicuntur semiuocales? Quia omnibus feré á uocalibus incipientes et inse desinentes similem feré uocalibus sonum habent.* 29 Por que se denominam semivogais? Pois, iniciando por quase todas as vogais e terminando em si, têm som quase semelhante às vogais.
- 30 *Quot sunt liquidae? Quatuor: l, m, n, r.* 30 Quantas são líquidas? Quatro: *l, m, n, r.*
- 31 *Quare dicuntur liquidae? Quia post mutas positae in eadem syllaba faciunt praecedentem syllabam breuem esse communem.* 31 Por que se denominam líquidas? Porque, colocadas depois das mudas na mesma sílaba, fazem com que a sílaba breve precedente seja comum.
- 32 *Quot sunt duplae? Duae: x et z.* 32 Quantas são duplas? Duas: *x e z.*
- 33 *Quare dicuntur duplae? Quia ponuntur pro duabus litteris. X enim ponitur pro c et s; z uero ponitur pro duplici ss, ut graecisso graecizo. I etiam et u si in principio dictionis ponantur sequente uocali consonantes fiunt, ut Iuno et Venus. Si uero in medio dictionis ponantur non compositae* 33 Por que se denominam duplas? Porque são colocadas no lugar de duas letras. O “X”, na verdade, é colocado no lugar de “c” e “s”; o “Z”, por sua vez, é colocado no lugar de *s* duplo, como “*graecisso*” “*graecizo*”.²⁶ Além disso, “*i*” e “*u*”, se são colocados em início de palavra, quando seguidos de vogal, tornam-se

²⁵ Prisciano sobre as semivogais: “[*Semivocales*] sunt [...] numero septem, *f l m n r s x*” (2.9.11), “as semivogais existem no número de sete: *f l m n r s x*”.

²⁶ Simplificação da explicação de Guarino: “*Z uero nouiter reperta est litera; pro ea enim ueteres gemino ss utebantur; ut patrisso, sed inter mutas numerari potest. Sciendum est quod x et z duplices consonantes sunt; illa enim pro c et s, z uero pro ss duplici ponitur*”, “a letra ‘z’, porém, foi adquirida recentemente, pois os antigos usavam ‘ss’ em seu lugar, como em “*patrisso*”, mas pode ser contada entre as mudas. Deve-se notar que ‘x’ e ‘z’ são consoantes duplas, pois aquela é usada no lugar de ‘c’ e ‘s’, mas ‘z’ se coloca no lugar de ‘ss’ duplo.

inter duas uocales duplicium uim habent, ut Maia et audiui.

consoantes, como *Iuno* e *Venus*.²⁷ Se, ao contrário, são colocados entre duas vogais no meio de uma palavra não composta, têm o valor de dúplices, como *Maia* e *audiui*.²⁸

34 *H quare non ponitur inter litteras? Quia non est littera, sed aspirationis nota.*

34 Por que não se coloca o “h” entre as letras? Porque não é uma letra, mas um sinal de aspiração.²⁹

35 *Quot sunt uocales praepositivae? Tres: a, e, o. Quot sunt subiunctivae? Duae: e, u.*

35 Quantas são as vogais prepositivas? Três: a, e, o. Quantas são subjuntivas? Duas: e, u.

36 *Quare dicuntur subiunctivae? Quia subiunctivae praepositivis diphthongos faciunt.*

36 Por que se denominam subjuntivas? Pois as subjuntivas formam ditongos com as prepositivas.

37 *Quot sunt diphthongi? Quinque: ae, oe, au, eu, et ei.*

37 Quantos são os ditongos? Cinco: ae, oe, au, eu e ei.

38 *Quot sunt diphthongi quae scribuntur et non proferuntur? Tres: ae, oe, et ei. Quot sunt diphthongi quae scribuntur et proferuntur? Duae: au et eu.*

38 Quantos são os ditongos que se escrevem e não se pronunciam? Três: “ae”, “oe” e “ei”. Quantos são os ditongos que se escrevem e se pronunciam? Dois: “au” e “eu”.³⁰

39 *Diphthongi sunt longae uel breues? Semper sunt longae, nisi inter dum sequente*

39 Os ditongos são longos ou breves? Sempre são longos, a não ser algumas vezes quando

²⁷ Guarino também aborda essa *potestas* do ‘i’ e do ‘u’: “*Consonantes enim sunt cum eas sequatur uocalis in eadem syllaba, ut Iuppiter et Venus*”, “são consoantes quando uma vogal as segue na mesma sílaba, como ‘Iuppiter’ e ‘Venus’”.

²⁸ Cf. Prisciano: “[I]n Graecis vero, quotiens huiusmodi fiat apud nos diaeresis paenultima syllabae, i pro duplici consonante accipitur, ut ‘Μαῖα Maia’” (I.9.50), “no entanto, em [palavras] gregas, sempre que, em nosso idioma, ocorre diérese na penúltima sílaba, a letra ‘i’ é considerada uma consoante dúplice, como em ‘Maia’”; “*Au quoque videtur quasi pati divisionem, cum i post u addita transit eadem u in consonantium potestatem, ut ‘gaudeo gavisus’ et ‘ναῦτης navita’*” (I.9.52), “[o ditongo] ‘au’ parece, também, permitir divisão, pois quando ‘i’ é adicionado após o ‘u’, o mesmo ‘u’ passa para o valor das consoantes, como em ‘gaudeo gavisus’ e ‘ναῦτης navita’”.

²⁹ Decalque da explicação de Guarino: “[H] uero non est littera, sed aspirationis nota”, “o ‘h’, porém, não é uma letra, mas um sinal de aspiração”. Cf. nota 24.

³⁰ Os ditongos latinos foram muito debatidos pelos humanistas do séc. XV, a exemplo de Guarino Veronese, que escreveu um libelo sobre o tema, intitulado *De diphthongis* (c. 1450). De acordo com Keith Percival (2016, p. 239), esta distinção que Perotti faz de ditongos pronunciáveis e impronunciáveis revela o estado do conhecimento da época a respeito da pronúncia dos ditongos latinos. A julgar pela obra de Perotti, em 1468, ainda não se sabia que todos os ditongos latinos se pronunciavam como ditongos na Antiguidade, o que viria a ser sugerido, pela primeira vez, no final do séc. XV por Antonio de Nebrija (1444-1522).

uocali, ut apud Virgilium: Stipitibus duris agitur, sudibus ue praeustis.

seguidos por vogal, como em Virgílio: “*Stipibus duris agitur, sudibusue praeustis*”.³¹

DE SYLLABA

40 *Quid est syllaba? Est comprehensio litterarum quae sub uno accentu et uno spiritu profertur.*

41 *Vnde dicitur syllaba? Απο τοῦ συλλαμβάνειν, quod est comprehendere, licet abusiue singularum uocalium sonos syllabas nominamus.*

42 *Syllabae quot accidunt? Quatuor: tenor, spiritus, tempus, et numerus.*

43 *Quot sunt tenores syllabarum? Tres: acutus, grauis, et circumflexus.*

44 *Quot sunt spiritus syllabarum? Duo:*

SOBRE A SÍLABA

40 O que é sílaba? É uma união de letras que se profere sob um único acento e uma única aspiração.³²

41 Por que se chama sílaba?³³ Απο τοῦ συλλαμβάνειν, que significa unir, embora denominemos abusivamente sílaba os sons de vogais sozinhas.³⁴

42 O que é atribuído às sílabas? Quatro coisas: tom, aspiração, tempo e número.³⁵

43 Quantos são os tons das sílabas? Três: agudo, grave e circumflexo.

44 Quantas são as aspirações das sílabas?

³¹ Verg. *Aen.* VII, v. 524. Perotti refere-se ao abreviamento do ditongo *ae* em *praeustis*: “*Stīpībūs dūrīs āgītūr, sūdībūsue praeūstis*” (grifo nosso), “como os pastores no início, de paus afilados e varas,” (tradução de Carlos Alberto Nunes, in: Virgílio, 2016, p. 485).

³² Decalque de Prisciano: “[S]yllaba est comprehensio litterarum consequens sub uno accentu et uno spiritu prolata” (2.44.2), “sílabas é a reunião de letras que seguem sob um único acento e um único fôlego; “syllaba est vox litteralis, quae sub uno accentu et uno spiritu indistanter profertur” (Prisc. 2.44.4), “sílabas é uma voz literal, que é pronunciada de forma indistinta sob um único acento e um único sopro”. Guarino também segue Prisciano em sua conceituação de sílaba: “Syllaba est comprehensio litterarum sub uno accentu et uno spiritu indistanter prolata”, “sílabas é a combinação de letras sob um único acento e uma única aspiração, pronunciada indistintamente”.

³³ A etimologia de *syllaba* é tema recorrente entre gramáticos latinos: “[S]yllabae dicuntur a Graecis παρὰ τὸ συλλαμβάνειν τὰ γράμματα, Latine conexiones vel conceptiones, quod litteras concipiunt atque conectunt; vel comprehensio, hoc est litterarum iuncta enuntiatio” (Char. 8.10; Diom. 1.427.7), “sílabas são chamadas pelos gregos παρὰ τὸ συλλαμβάνειν τὰ γράμματα, em latim conexões ou junções, porque elas juntam e conectam letras; ou união, isto é, a enunciação conjunta de letras; “syllaba unde dicta? ἀπὸ τῆς συλλήψεως, est enim syllaba σύλληψις quaedam litterarum, id est conceptio” (Vict. 6.196.20; Aud. 7.327.16), “por que se chama sílabas? ἀπὸ τῆς συλλήψεως, pois sílabas é uma certa σύλληψις de letras, ou seja, uma junção; “syllaba dicta est ex Graeco vocabulo, ἀπὸ τοῦ συλλαμβάνειν τὰ γράμματα, id est a conceptione litterarum. ergo proprie illa dicitur syllaba, quae de plurimis constat, ut est ‘post’” (Serv. 4.423.11), “denomina-se sílabas a partir do vocábulo grego, ἀπὸ τοῦ συλλαμβάνειν τὰ γράμματα, isto é, da junção de letras. Portanto, propriamente, é chamada sílabas aquela que consiste em várias [letras], como ‘post’”; “ab eo quod complectatur et conglutinet litteras” (Serg. 4.478.11), “por aquilo que abrange e une as letras”; “syllaba dicta a conceptu litterarum” (Pomp. 5.111.20), “denomina-se sílabas devido à junção das letras”.

³⁴ Decalque de Prisciano: “[A]busive tamen etiam singularum vocalium sonos syllabas nominamus” (2.44.3), “no entanto, abusivamente, também chamamos de sílabas os sons individuais de cada vogal”.

³⁵ Decalque de Prisciano: “[A]ccidit unicuique syllabae tenor, spiritus, tempus, numerus litterarum” (2.51.21), “atribui-se a cada sílabas tom, fôlego, tempo, número de letras”.

asper et levis.

Duas: forte e branda.³⁶

45 *Quot sunt tempora syllabarum? Tria: breue, longum, et medium, quibus omnis syllaba uel breuis uel longa uel communis efficitur.*

45 Quantos são os tempos das sílabas? Três: breve, longo e médio, dos quais resulta [que] toda sílaba [é] breve, longa ou comum.³⁷

46 *Numerus quomodo accidit syllabae? Quia aut unius litterae est syllaba, ut a, aut duarum, ut ab, aut trium, ut arx, aut quatuor, ut mars, aut quinque ut stans, aut sex, ut stirps. Maioris autem numeri quam sex litterarum nulla apud Latinos syllabainuenitur.*

46 Por que se atribui número à sílaba? Porque ou existe a sílaba de uma letra, como *a*, ou de duas, como *ab*, ou de três, como *arx*, ou de quatro, como *mars*, ou de cinco como *stans*, ou de seis, como *stirps*. Porém, entre os latinos, não se encontra nenhuma sílaba de número maior que seis letras.

DE DICTIONE

SOBRE A PALAVRA

47 *Dictio quid est? Est minima pars orationis constructae.*

47 O que é palavra?³⁸ É a menor parte de uma frase construída.

48 *Quae differentia est inter syllabam et dictionem? Syllaba est pars dictionis et nihil per se significat; dictio autem per se significat.*

48 Qual diferença há entre sílaba e palavra? A sílaba é parte da palavra e por si só nada significa; por outro lado, a palavra significa por si só.³⁹

49 *Dictio unde dicitur? A dicendo, quod*

49 Por que se chama palavra? Por causa de

³⁶ De acordo com Keith Percival (Perotti, 2010, p. 24), a distinção dos dois tipos de *spiritus* provém de Prisciano: “*Similiter spiritus asper vel lenis*” (I.3.12), “igualmente, [existe] aspiração áspera ou leve”. No entanto, a aspiração já fora empregada por Varrão para classificar as sílabas em *asperae* e *leves*, conforme Diomedes: “[*S*]yllabae, ut ait Varro, aliae sunt asperae, aliae leves, aliae procerae, aliae retorridae, aliae barbarae, aliae graeculae, aliae durae, aliae molles” (Diom. 1.428.22), “como diz Varrão, algumas sílabas são ásperas, outras leves, algumas são longas, outras são torcidas, algumas são bárbaras, outras gregas, algumas são duras, outras são suaves”.

³⁷ Perotti utiliza *communis* como sinônimo de *anceps*, isto é, a sílaba que pode ser breve ou longa. Importante observarmos que Perotti segue uma tradição de nomenclatura gramatical latina em que comumente se utiliza o par opositivo *brevis* X *longus* para designar a quantidade silábica, ao passo que *correptus* X *productus* se aplica à quantidade vocálica.

³⁸ Sobre o uso de *dictio* na terminologia gramatical latina, cf. nota 12.

³⁹ Esta diferenciação entre sílaba e palavra é baseada em Prisciano: “[*D*]iffert [...] dictio a syllaba, non solum quod syllaba pars est dictionis, sed etiam quod dictio dicendum, hoc est intellegendum, aliquid habet” (2.53.13), “difere a palavra da sílaba, não apenas porque a sílaba é parte da palavra, mas também porque a palavra possui algo a ser dito, isto é, a ser entendido”; “*ex syllabarum coniunctione dictio [...] constat*” (3.109.2), “a palavra resulta da combinação de sílabas”. De resto, tal diferenciação diz respeito ao modelo de linguagem seguido por Perotti, conforme salientamos na nota 13.

dicat aliquid, hoc est significet.

“dicendum”, porque diz algo, isto é, significa.⁴⁰

50 *Quot syllabarum est maxima dictio apud Latinos? Tredecim, ut Dioclitianopolitanissimorum.*

50 Quantas sílabas tem a maior palavra entre os latinos? Treze, como Dioclitianopolitanissimorum.

DE ORATIONE

SOBRE A FRASE

51 *Quid est oratio? Est ordinatio dictionum congruam sententiam perfectamque demonstrans.*

51 O que é frase? É a ordenação de palavras que indica uma sentença adequada e perfeita.⁴¹

52 *Partes orationis quot sunt? Octo: nomen, uerbum, participium, pronomen, praepositio, aduerbium, interiectio, et coniunctio.*

52 Quantas são as partes da frase? Oito: nome, verbo, particípio, pronome, preposição, advérbio, interjeição e conjunção.⁴²

52a *Quot sunt partes orationis declinabiles?*

52a Quantas são as partes da frase

⁴⁰ Cf. nota anterior.

⁴¹ Keith Percival (Perotti, 2010, p. 24-25) observa uma sutil diferença entre este trecho dos *Rudimenta* e a passagem das *Institutiones* em que Prisciano conceitua *oratio*. O gramático tardo-antigo emprega o adjetivo “congrua” em concordância com o substantivo “ordinatio”: “*Oratio est ordinatio dictionum congrua, sententiam perfectam demonstrans*” (2.53.28-29), “frase é uma ordenação adequada das palavras, que demonstra uma sentença perfeita”. Para Percival, essa diferença de redação talvez se explique devido ao fato de que Perotti tenha utilizado algum manuscrito das *Institutiones* em que a palavra “congruam” se constrói com “sententiam”, a exemplo do manuscrito de Berna consultado por Hertz. A essa explicação de Percival, acrescentamos que a referida passagem dos *Rudimenta* segue *ipsis litteris* o passo das *Regulae* em que Guarino conceitua *oratio*: “*Oratio est ordinatio dictionum congruam perfectamque sententiam demonstrans*”, “frase é a organização de palavras que demonstra uma sentença adequada e perfeita”. Sendo assim, preferimos crer na hipótese de que Perotti decalcou Guarino, que, por sua vez, se apropriou da conceituação de Prisciano.

⁴² Segundo uma tradição grega que se baseava nas contribuições de Diógenes da Babilônia (240-150 a.C.), Diógenes Laércio (180-240 d.C.) e Crisipo, a frase divide-se em cinco partes: 1) nome individual ou nome próprio, que indicava uma qualidade individual; 2) nome em geral, que hoje corresponderia ao substantivo comum; 3) verbo; 4) conjunção ou elemento de ligação; e 5) artigo. Com base nessa divisão, Apolônio Discolo (?-140 d.C.) distinguiu os elementos propriamente da frase (nome e o verbo) dos aglutinantes (as demais partes da frase). Outras divisões das partes da frase foram surgindo ao longo do tempo, até que se fixou um padrão de oito partes na tradição gramatical grega: 1) *ónoma* (nome), 2) *rhêma* (verbo), 3) *metokhé* (particípio), 4) *árthron* (artigo), 5) *antonumía* (pronome), 6) *próthesis* (preposição), 7) *epírhema* (advérbio) e 8) *súndesmos* (conjunção). Na tradição gramatical latina, por outro lado, fixou-se um sistema um pouco diferenciado, com a exclusão do artigo, uma vez que essa categoria não existia em latim (Matthews, 2014). Keith Percival (Perotti, 2010, p. 25) observa que Perotti utiliza a mesma ordem adotada por Prisciano (cf. Prisc., *Pref.* 2.3.5-2.4.8), diferentemente de Donato, que emprega a seguinte ordem: nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição, interjeição.

Quatuor: nomen, uerbum, participium, et pronomen. declináveis?⁴³ Quatro: nome, verbo, participio e pronome.

52b *Quot sunt partes orationis indeclinabiles? Quatuor: praepositio, aduerbium, interiectio, et coniunctio.* 52b Quantas são as partes da frase indeclináveis? Quatro: preposição, advérbio, interjeição e conjunção.

Referências

CAMPANELLI, M. Languages. In: WYATT, Michael (ed.). **The Cambridge Companion to the Italian Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 195-222.

DESBORDES, F. **Concepções sobre a escrita na Roma antiga**. Tradução de Fulvia M.L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.

FERNANDES, G. Contributos para a história da gramaticografia medieval latino-portuguesa: dois manuscritos dos séculos XIV e XV. In: SÁNCHEZ, Eulalia Hernández; MARTÍNEZ, María Isabel López. **Sodalicia Dona**: Homenaje a Ricardo Escavy Zamora. Murcia: Departamento de Lengua Española y Lingüística General; Universidad de Murcia, 2015. p. 181-198.

GUILLÉN, C. L. Sobre el concepto de gramática en el Renacimiento. **Humanistica Lovaniensia**, n. 41, 1992, p. 86-103.

KEIL, H. (ed.) **Grammatici latini**. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961.

MATTHEWS, P. Greek and Latin Linguistics. In: LEPSCHY, Giulio (ed.). **History of Linguistics: Classical and Medieval Linguistics**. London; New York: Routledge, 2014. v. 2. p. 1-13.

MONIZ, F. F. S. Um manifesto do humanismo renascentista: tradução da epístola introdutória e do proêmio do livro I das *Elegantiae linguae latinae* de Lorenzo Valla. **Translatio**, Porto Alegre, n. 21, jul. 2021, p. 187-214.

MONIZ, F. F. S.; SILVA, M. M. R. O sistema nominal latino nos *Rudimenta Grammatices*, de Nicolo Perotti. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, 2019, v. 7, n. 1, p. 119-128.

⁴³ Carmen Guillén (1992) salienta que a subdivisão de termos da frase em declináveis (substantivo, verbo, participio, pronome) e indeclináveis (preposição, advérbio, interjeição e conjunção) é bastante comum em gramáticas medievais. De qualquer forma, essa subdivisão também se apresenta nas *Regulae* de Guarino: “*Partes orationis sunt octo: nomen, uerbum, participium, pronomen, praepositio, aduerbium, interiectio, et coniunctio, de quibus quidem quatuor sunt declinabiles: nomen, uerbum, participium, et pronomen. Relique sunt indeclinabiles: praepositio, aduerbium, interiectio, et coniunctio*”, “as partes da frase são oito – nome, verbo, participio, pronome, preposição, advérbio, interjeição e conjunção –, das quais quatro são declináveis – nome, verbo, participio e pronome. As demais são indeclináveis: preposição, advérbio, interjeição e conjunção”.

PADE, M. La forza del destinatario. **Studi Umanistici Piceni**, 2006, n. 26, p. 11-21.

PERCIVAL, W.K. **Studies in Renaissance Grammar**. New York: Routledge, 2016.

PEROTTI, N. **Rudimenta grammatices**. Edited by W. Keith Percival. Center for Digital Scholarship, 2010.

PEROTTI, N. **Cornucopiae**: seu latinae linguae commentarii locupletissimi, Nicolao Perotto, Sipuntino pontifice authore, tanta ad ueterum scriptorum, codicumque fidem, diligentia recogniti; unde deprompti sunt, tantaque solertia, diuersitate characterum, et luce distincti, ut nulla superiorum aeditionum, cum hac iure certare queat. Caetera quae hoc uolumine complectuntur, sequens indicabit pagina. Basileae: apud Valentinum Curionem, 1532.

RAMMINGER, J. Neo-Latin: Character and Development. In: FORD, Philip (Ed.). **Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World**. Leiden; Boston: Brill, 2014.

SABBADINI, R. **La scuola e gli studi di Guarinus Guarini Veronese**. Catânia: F. Galati, 1896.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.